



**EDIMÉIA DEOLINDO BRAZ PAULA
SOLANGE PASCHOAL OLIVEIRA**

**A FORMAÇÃO HUMANIZADORA DA LITERATURA:
REFLEXÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE**

**LAVRAS-MG
2021**

**EDIMÉIA DEOLINDO BRAZ PAULA
SOLANGE PASCHOAL OLIVEIRA**

**A FORMAÇÃO HUMANIZADORA DA LITERATURA:
REFLEXÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE**

Artigo apresentado ao curso de Letras/Português da Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Andrea Portolomeos

**LAVRAS-MG
2021**

**EDIMÉIA DEOLINDO BRAZ PAULA
SOLANGE PASCHOAL OLIVEIRA**

**A FORMAÇÃO HUMANIZADORA DA LITERATURA:
REFLEXÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE**

**LITERATURE HUMANIZING EDUCATION:
REFLECTIONS FOR THE TEACHING PRACTICE**

Artigo apresentado ao curso de Letras/Português da Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras.

APROVADA em 14 de junho de 2021.

Dra. Andrea Portolomeos UFLA
Me. Glauco Soares Joaquim UFSJ
Dra. Isabel Cristina Rodrigues Ferreira UFLA

Prof.^a Dra. Andrea Portolomeos
Orientadora

**LAVRAS-MG
2021**

“Fazer Letras é camoniar, é machadear, é caetanear, é cora coralizar, mas é acima de tudo acreditar que pelas palavras, podemos o mundo transformar e humanizar.”

Beatriz Braga

RESUMO

O presente artigo aborda a importância dos textos literários para uma formação emancipadora dos discentes da escola básica. Antonio Candido advoga que a linguagem literária nos humaniza na medida em que permite, por meio de uma grande possibilidade de significações, o exercício criativo do imaginário e da subjetividade do leitor. As reflexões abordadas aqui têm como objetivo sugerir caminhos, por meio da discussão de diversas teorias literárias, para que o docente possa mediar a leitura de textos literários nas escolas. Assim, o artigo considera a importância da Teoria Literária para o melhor conhecimento da linguagem literária pelo professor no processo ensino-aprendizagem na escola básica. O trabalho tem ainda como suporte teórico os estudos de Portolomeos, Cosson, Proença Filho e Zilberman.

Palavras chave: Ensino de literatura. Teoria Literária. Escola básica.

ABSTRACT

This article discusses the importance of literary texts for basic school students' emancipatory education. Antonio Candido advocates that literary language humanizes us as it allows, through a great possibility of meanings, the creative exercise of the imaginary and of the reader subjectivity. The reflections addressed here aim to suggest ways, through the discussion of several literary theories, so that the teacher can mediate the reading of literary texts at schools, considering BNCC guidelines. Thus, the article considers the importance of Literary Theory for the better knowledge of literary language by the teacher in the teaching-learning process at basic school. The work also has as theoretical support the studies of Portolomeos, Cosson, Proença Filho and Zilberman.

Keywords: Literature teaching. Literary Theory. Basic school.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 BREVE HISTÓRICO DOS PRIMEIROS TEÓRICOS QUE PENSARAM A RECEPÇÃO DO TEXTO ARTÍSTICO	10
2.1 A Especificidade da Linguagem Literária	10
2.2 O Ensino da Literatura na Escola	15
3 PONDERAÇÕES SOBRE AS ORIENTAÇÕES DOS DOCUMENTOS OFICIAIS PARA O ENSINO DE LITERATURA	19
4 POSSIBILIDADES PARA UM TRABALHO EM SALA DE AULA A PARTIR DA OBRA POÉTICA “ A MENINA DOS SONHOS DE RENDA”	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a importância dos textos literários para uma formação emancipadora dos discentes da escola básica. Nesse sentido, Antonio Candido (1988) advoga que a linguagem literária nos humaniza, na medida em que permite, por meio de uma grande possibilidade de significação, o exercício criativo do imaginário e da subjetividade do leitor. As reflexões abordadas aqui têm como objetivo sugerir caminhos, por meio da discussão de diversas teorias literárias, para que o docente possa mediar a leitura de textos literários nas escolas. Assim, o artigo considera a importância da Teoria Literária para o melhor conhecimento da linguagem literária pelo professor no processo ensino-aprendizagem na escola básica. Para além desse objetivo, o artigo aborda também essas especificidades da linguagem e da leitura literária de maneira a contribuir para uma formação continuada do docente que está na sala de aula. Desse modo, importa observar que os professores hoje precisam seguir as orientações da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), homologada em 2018, embora nem sempre consigam compreendê-las de maneira clara tendo em vista a complexidade e a incoerência do documento nas suas proposições. Sobre esse ponto, o artigo não discute, mas deixa como sugestão de leitura os últimos artigos publicados em 2020 pela professora Andréa Portolomeos.

O artigo apresenta um breve histórico dos primeiros teóricos que pensaram o texto artístico. As primeiras manifestações da poesia de que se tem notícia ocorreram no século VIII a.C. na Grécia, época em que poemas como *Íliada* e *Odisseia* eram difundidos oralmente pelos rapsodos e aedos. Importa ressaltar que ao longo da história da crítica literária, esses poemas foram analisados à luz da Poética e da Retórica (oratória) que precederam a Teoria Literária, que surgiu como área do conhecimento somente no início do século XX com as propostas do Formalismo Russo. Analisando a singularidade da linguagem literária para além do contexto da Antiguidade, o artigo ressalta seu potencial formador que oportuniza o desenvolvimento da sensibilidade em relação ao diferente de si mesmo e da subjetividade. Através das propostas dos teóricos da recepção, este texto explica sobre o preenchimento dos espaços vazios constituintes do texto literário pelo leitor. A prática docente atualmente, em sua grande maioria, ainda se encontra atrelada à tentativa de compreensão das intenções do autor no texto, ou seja, ainda continua ligada a um tipo de interpretação textualista do texto literário, em que o aluno precisa encontrar uma resposta certa para questões sobre a obra.

Os professores encontram grande dificuldade em trabalhar textos e obras literárias a partir da compreensão e da significação particular dos alunos, respeitando o entendimento de cada leitor. Em geral, não levam em consideração o caráter subjetivo que esse tipo de leitura deveria prever. Essa dificuldade em trabalhar com a leitura literária de maneira mais eficiente decorre de diversos fatores. Desde o pouco tempo que o professor possui para se dedicar a uma formação continuada até o enfrentamento de um currículo que preconiza o estudo da língua portuguesa, sendo a literatura um conteúdo a reboque das aulas de língua. Assim não há tempo hábil para se trabalhar com a leitura literária que promove a competência literária; não há tempo para o processo de letramento do aluno desde as séries escolares iniciais. Além disso, há uma certa dificuldade dos professores em selecionar textos mais plurissignificativos que proporcionem de fato a experiência literária do aprendiz, pois a linguagem literária, conforme Portolomeos e Rodrigues (2020)

É entendida como uma linguagem constituída através de procedimentos linguísticos próprios, pensados para gerar um efeito de “visão” e não de “reconhecimento” sobre aquilo de que se fala. Desse modo, a literatura alarga a visão de mundo do leitor em vez de reafirmar seu conhecimento prévio sobre a vida. (PORTOLOMEOS E RODRIGUES, 2020, p. 205)

Neste viés, as autoras ponderam sobre a importância de distinguir a leitura de textos pragmáticos e a leitura de textos literários no trabalho em sala de aula, sendo esta última responsável por quebrar a expectativa do leitor e proporcionar uma nova visão do mundo e consequentemente oportunizar um saber mais amplo para além das verdades pré-estabelecidas socialmente.

Para embasar teoricamente este trabalho, selecionamos alguns estudos de autores que abordam o tema da especificidade da linguagem literária e do ensino de literatura, tais como Proença Filho (2007), Zilberman (2012), Cosson (2015), Cândido (1988), Portolomeos e Botega (2020-2021), Portolomeos e Rodrigues (2020), Rodrigues (2019), Sorrenti (2007), Costa (2013), Silva (2017) e ainda alguns verbetes sobre ensino de literatura disponíveis no Glossário no CEALE da UFMG on-line. Também nos utilizamos de alguns documentos oficiais da educação como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) e as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM).

Na última seção, será apresentada uma análise e sugestão de trabalho em sala de aula a partir da obra poética ‘A Menina dos Sonhos de Renda’ da autora Marília Lovatel (2016). O objetivo é sugerir alternativas para a realização de um trabalho com esse livro na sala de aula, tendo as teorias recepcionais como esteio de todo o trabalho. A obra aborda valores da vida, como amigos, família e escola e promove uma sensibilização do leitor para esses valores. Além da discussão sobre encaminhamentos metodológicos e didáticos para o trabalho com a literatura na sala de aula, essa seção apresenta caminhos para o docente mediar outras obras, percebendo as especificidades da linguagem literária e respeitando dessa forma o entendimento individual e subjetivo de cada discente.

2 BREVE HISTÓRICO DOS PRIMEIROS TEÓRICOS QUE PENSARAM A RECEPÇÃO DO TEXTO ARTÍSTICO

As primeiras manifestações poéticas de que se tem notícia foram difundidas oralmente na Grécia, no século VIII a.C, são elas a *Ilíada* e *Odisseia*, poemas épicos de Homero que em grandes festivais eram declamados por pessoas denominados rapsodos e aedos. Na antiguidade grega, a *Poética* preocupa-se em descrever a especificidade os textos poéticos ou ainda da arte já que grande parte de seus exemplos são extraídos de Homero e Sófocles, renomado teatrólogo daquele período. Antes de Aristóteles, Platão, seu mestre, manifestou-se contrariamente à função do poeta e da arte na sociedade visto que a poesia não seria uma via de conhecimento do mundo como a filosofia por ele defendida. Assim, especificamente em ‘*A República*’, no décimo livro, exclui totalmente a poesia como elemento que poderia contribuir para uma cidade mais democrática.

Aristóteles na *Poética* defende o valor da poesia e da arte, pois entende que através do efeito produzido por ela, a catarse, os receptores teriam suas emoções equilibradas. Ou seja, trata-se da valorização de um tipo de efeito específico que só a arte provoca. Vem daí uma série de outras definições da arte, colocadas em questão a partir do nascimento da Teoria Literária, no início do século XX com os formalistas russos. Vitor Chklovski, por exemplo, propôs o conceito de estranhamento para uma recepção específica do leitor diante do texto literário. Jauss, nas propostas da *Estética da Recepção*, vai trabalhar com o conceito de horizonte de expectativa e discorrer sobre a quebra desse horizonte pelo leitor na medida em que amplia sua visão de mundo através do texto literário. Em suma, todos esses autores recuperam a ideia inicial de Aristóteles sobre um efeito específico do texto artístico sobre o receptor.

2.1 A ESPECIFICIDADE DA LINGUAGEM LITERÁRIA

Antonio Candido (1988) pontua que a linguagem literária nos humaniza, na medida em que, através da possibilidade de plurissignificação do texto, seus leitores exercem sua liberdade criativa, sua subjetividade, e ainda se aproximam emocionalmente dos personagens, ampliando sua compreensão e sua tolerância para valores e modos de ser diferentes dos seus. “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante.” (CANDIDO, 1988, p.182).

Ainda conforme Candido é possível notar esse fator humanizador no preenchimento de lacunas ou lugares vazios do texto, o que preserva e estimula a liberdade de significação do

leitor para a vida e o mundo. Entretanto, é importante ressaltar que nos dias atuais a literatura vem perdendo espaço na escola por diversas razões como o desinteresse de uma política pública na valorização e reconhecimento desse conteúdo, traduzida na falta de espaço desse conteúdo como área específica na BNCC, por exemplo. Em consequência disso, os textos trabalhados em sala de aula, em geral, são trabalhados superficialmente, ou seja, não levam o leitor a criar significados próprios para ele já que os sentidos são dados pelo texto, não oferecendo nenhuma dificuldade de leitura para o aluno.

Chamemos a essa tendência de literatura-de-apelo, já que se trata de uma concepção de escrita como imediação, documento bruto ou entretenimento passageiro de superfície; exatamente o contrário do que Croce e Adorno, dois hegelianos, um de centro, o outro de esquerda, diziam que a arte é ou devia ser. (BOSI, 2008, p.250)

Nesse mesmo sentido Perrone-Moisés (2006) pondera que a escola deveria ser um lugar onde os alunos rompessem com os critérios pré-estabelecidos e desenvolvessem habilidades crítica e estética por meio das obras literárias. Contudo, isso não ocorre porque nas salas de aulas os textos literários não são trabalhados em suas especificidades que requerem a interpretação individual e subjetiva de cada aluno de acordo com Portolomeos e Botega (2020). Além disso, ressalta-se que a indústria cultural do alto capitalismo vem excluindo o caráter de experimentalismo das obras, visto que elas não são atraentes para um grande mercado consumidor. Esta concepção de se fazer arte e cultura exclui a possibilidade de plurissignificação de um texto literário, pois requer uma resposta imediata de um grande contingente de leitores, indo na contramão de um tipo de texto que empodera e emancipa o leitor de verdades pré-estabelecidas.

A literatura desempenha um papel essencial na formação do ser humano, pois, dentre outras funções, ela possibilita o conhecimento de culturas e valores diferentes. Acrescente-se que a linguagem literária tem suas singularidades que fazem dela um texto cujo objetivo vai para além da simples comunicação. Para compreender como a linguagem literária é especial, faz-se necessário distinguir o texto literário do texto não literário. Essa diferenciação é extremamente necessária para que o professor saiba escolher e trabalhar o texto de forma mais satisfatória nas suas aulas de literatura. Proença Filho (2007) observa que o texto literário apresenta algumas singularidades entre elas a multissignificação, isto é, a literatura é caracterizada por uma linguagem que a difere da linguagem do cotidiano, permitindo em sua

leitura diferentes significados e múltiplas interpretações. Trata-se de uma linguagem mais elaborada que leva o leitor a sentir prazer com a diferente organização textual.

O autor aponta alguns elementos para reconhecer a especificidade da linguagem da literatura como o ritmo, a distribuição das palavras no papel, a entonação com que pode ser lida em voz alta, etc. Ou seja, esse conjunto de fatores, inserido em um contexto, é o que difere a linguagem literária do discurso do cotidiano. No discurso literário as palavras ganham novos significados quando são inseridas em um contexto linguístico específico e vão além de sua função de comunicação para existir em função de um conjunto de palavras nesse contexto específico. Assim, uma obra literária, pode cativar o leitor de diversas formas por meio do tema, forma de escrita ou pela afinidade de seu conteúdo, ou ainda pelas memórias/lembranças boas que aquele texto traz. Para o autor, por meio da leitura de textos literários, somos capazes de ler e ressignificar o mundo.

Proença Filho (2007) defende ainda que para o texto literário ser compreendido, é preciso que no momento da leitura, o leitor acione sua bagagem cultural. Na medida em que o texto repercute nos leitores, os sentidos e emoções são acionados, entendendo o texto de acordo com o seu repertório cultural. O autor destaca a importância da subjetividade para a leitura do texto literário, pois o leitor lê uma linguagem que trabalha a conotação das palavras. Assim, as palavras adquirem novos sentidos, carregados de valores afetivos e/ou sociais. Segundo o autor:

O fenômeno literário se efetiva na inter-relação autor/texto/leitor. A linguagem que a caracteriza é necessariamente ambígua e em permanente atualização e abertura, vinculadas estreitamente ao caráter conotativo que a singulariza (Proença Filho, 2007, p. 34).

Dito de outra forma, a interação entre autor/texto/leitor possibilita diferentes formas de interpretações. Cada indivíduo interpreta a obra literária de acordo com suas impressões, seu conhecimento cultural adquirido ao longo de sua vida. Ainda, segundo autor, o texto literário envolve dimensões histórica e ideológica. Nesse sentido, pode-se marcar que o contexto histórico do autor e do leitor interferem na produção e recepção das obras.

O autor defende que cultura, língua e literatura estão precisamente vinculadas, pois, o ser humano compartilha valores, saberes, conhecimentos que vão sendo incorporados e transmitidos de geração em geração por meio das linguagens. Nesse sentido, pode-se afirmar que, por meio das obras literárias, os autores denunciam problemas sociais, apresentam a

história e a cultura de um povo, ou simplesmente refletem as sensações que o artista teve quando imaginou a obra com uma linguagem bastante peculiar.

Proença Filho (2007) pontua que o discurso literário, além da multissignificação e da conotação possui ainda outros traços que facilitam seu reconhecimento, diferenças singularizadoras quando comparado ao discurso comum. São elas: complexidade, liberdade na criação, ênfase no significante, variabilidade, etc. Nota-se que a linguagem literária tem suas especificidades, revelando características especiais. Porém, o autor enfatiza o desafio dos estudiosos em caracterizar plenamente essas especificidades e definir a literariedade de um texto. Ou seja, não há como delimitar e fixar precisamente o espaço da literariedade no interior do texto literário.

As autoras Portolomeos e Rodrigues (2020), em seus estudos sobre a leitura literária em sala de aula, trazem reflexões importantes acerca da especificidade da linguagem literária e seus efeitos no ato de leitura. De acordo com as autoras, o texto literário é elaborado para que provoque no leitor um efeito estético, sugerindo emoções e estimulando o leitor a descobrir nas entrelinhas novas perspectivas sobre o mundo que o cerca. Neste sentido, a escola é um lugar de interação, onde diversas pessoas com culturas diferentes compartilham do mesmo espaço. Assim para as autoras, as aulas de literatura contribuem para o amadurecimento emocional e intelectual dos indivíduos, além de fortalecer a alteridade, elemento fundamental na construção de uma sociedade mais democrática.

Segundo Portolomeos e Rodrigues (2020) ao longo dos séculos surgiram diversas teorias para sustentar a especificidade da linguagem literária. Elas pontuam que representantes do Formalismo Russo, no início do século XX, buscaram descrever os elementos de literariedade do texto, afirmando que a literatura é capaz de ampliar a visão que o leitor tem da realidade e que contribui para que o leitor tenha sua própria posição diante de verdades pré-estabelecidas pela sociedade. Nesse sentido, Chkylovski é um referencial para se compreender as especificidades da leitura literária, pois ele oferece recursos para o professor refletir sobre como a leitura literária é diferenciada. Para o autor, a leitura literária sugere um complexo, vagaroso e criativo processo de significação do texto pelo leitor, ultrapassando as fronteiras da sala de aula, gerando reflexões acerca de seu lugar no mundo. O ser humano habituado com a linguagem do cotidiano vai se deparar com um efeito de 'estranhamento' diante do texto literário. Esse efeito tem a ver ainda com os sentidos múltiplos que o texto abre para o leitor, ampliando seus horizontes para uma postura mais ativa diante das adversidades.

Portolomeos e Rodrigues (2020) citam ainda o fundador da Estética da Recepção, Jauss (1994), para esclarecer que o leitor deve ter um conhecimento prévio sobre as convenções literárias, pois são estes conhecimentos que vão dar subsídios para o leitor realizar uma leitura mais satisfatória do texto literário. Por isso é importante um processo de letramento literário desse aluno ao longo dos anos escolares. Para Jauss (1994), a leitura só se faz experienciável, de fato legível, a partir de um conhecimento técnico que reside no “horizonte de expectativa” desse leitor. Ou seja, a leitura só faz sentido quando ‘quebra’ a expectativa do leitor, levando-o a ressignificar o texto alargando sua visão de mundo, modificando suas expectativas.

Devido às singularidades da linguagem literária, o letramento literário se efetiva a partir do momento em que o leitor se apropria das experiências que a literatura proporciona, ampliando sua visão do mundo. Neste sentido, como vimos, é fundamental distinguir a diferença entre a linguagem literária da linguagem cotidiana, pois as obras a serem trabalhadas em sala de aula devem formar leitores conscientes de sua participação na sociedade enquanto cidadãos. Para Portolomeos e Rodrigues (2020) a linguagem literária

É entendida como uma linguagem constituída através de procedimentos linguísticos próprios, pensados para gerar um efeito de “visão” e não de “reconhecimento” sobre aquilo de que se fala. Desse modo, a literatura alarga a visão de mundo do leitor em vez de reafirmar seu conhecimento prévio sobre a vida. (PORTOLOMEOS E RODRIGUES, 2020, p. 205)

Para elas o trabalho com literatura na escola ainda é um grande desafio porque muitos professores sentem dificuldade na compreensão da especificidade da linguagem literária. Assim, refletir sobre as particularidades do texto literário é essencial para colocar em prática o letramento literário na sala de aula. Segundo Rildo Cosson (2014) letramento literário pode ser entendido como:

Um processo de apropriação da literatura enquanto linguagem, ou da linguagem literária. [...] trata-se de um modo muito singular de construir sentidos que é a linguagem literária. Essa singularidade da linguagem literária, diferentemente de outros usos da linguagem humana, vem da intensidade da interação com a palavra que é só palavra e da experiência libertária de ser e viver que proporciona. (COSSON, 2014, on line)

O letramento literário advém do contato do leitor com as obras literárias. Quanto mais diversificado for o repertório literário, mais naturalmente vai perceber a singularidade que a linguagem literária possui. Segundo Iser (1996 citado por Portolomeos; Rodrigues, 2020, p.

210) quando o leitor interage com o texto literário, ele usa da imaginação para ressignificar o texto, estabelecendo novos sentidos para a obra, preenchendo as lacunas constituintes dela. Ou seja, na medida em que o aluno recorre ao imaginário numa relação particular com o texto, ele preenche os espaços vazios da obra, abrindo espaço para novas significações no mundo e na vida.

As autoras Portolomeos e Rodrigues (2020) citam Antonio Candido (2004), em seu conceituado ensaio *O Direito à Literatura*, para discutir o ensino humanizado através da literatura. Cândido afirma a partir da organização especial da linguagem há a deflagração do fator humanizador da literatura no ato de leitura do texto. Segundo ele, “A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo” (CANDIDO, 2004, p.179). Note-se então que a literatura é essencial para a formação do aluno/leitor pois, o ser humano precisa também desenvolver suas potencialidades emocionais. Todavia, é preciso que as políticas públicas na área educacional valorizem as aulas de literatura e o trabalho do professor, pois só assim poderemos oferecer uma formação mais humanizadora para os nossos alunos. Portolomeos e Rodrigues (2020) citam a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como um documento que orienta o trabalho com a especificidade da linguagem literária nas séries iniciais do ensino fundamental. De acordo com a BNCC:

Para que a experiência da literatura – e da arte em geral – possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los. Um sujeito que desenvolve critérios de escolha e preferências (por autores, estilos, gêneros) e que compartilha impressões e críticas com outros leitores-fruidores. (BRASIL, 2019, p. 156)

Diante do exposto, faz-se necessário um trabalho diferenciado com a literatura para que ela possa cumprir seu papel. A literatura só faz sentido enquanto conteúdo formador quando o aluno apropria de suas particularidades e incorpora algum conhecimento agregador em suas experiências. Dessa forma, a importância do professor nas aulas de literatura é fundamental, pois o professor que aprecia literatura tende a incentivar seus alunos a serem leitores literários; logo, protagonistas de suas próprias histórias.

2.2 O ENSINO DA LITERATURA NA ESCOLA

A prática da leitura literária na escola é tema de muitas pesquisas e debates no cenário educacional. Essa prática requer dos alunos uma postura ativa, de reflexão, de busca por um ato

prazeroso, de uma leitura enriquecedora que abra os seus horizontes para o mundo. Nesse sentido, faz-se necessário refletir sobre o papel do professor em relação à prática da leitura literária na escola. A escola é um espaço ideal para formar leitores literários; assim, é necessário que ela tenha professores que gostem de literatura e que disponha de boas bibliotecas com variedades de livros para despertar o interesse dos alunos para as obras literárias.

Nesse sentido, Cosson (2015) aborda em seus estudos a seguinte questão: qual deve ser o papel do professor em relação ao texto literário? De ensinar ou de mediar a leitura literária? Segundo o renomado autor, a concepção que o professor tem sobre literatura pode influenciar de forma significativa as atividades literárias. Assim, quanto mais o professor aprecia textos literários, mais ele vai disponibilizar esses textos aos alunos. Cosson (2015) recorda que durante muito tempo, a formação do leitor passava necessariamente pelas leituras de obras literárias, mas hoje as aulas de literatura já não contemplam muitas vezes a leitura de obras. O autor enfatiza que o espaço das aulas de literatura foi se reduzindo, sendo substituído por livros didáticos e meios de comunicação em massa.

Entretanto, mesmo com esta redução, Cosson (2015) destaca que a leitura literária permaneceu na escola em dois tipos de atividades: leitura ilustrada - que consiste numa atividade de fruição, voltada para introduzir o aluno no universo da leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental - e a leitura aplicada que serve para estimular o conhecimento nos anos finais do ensino fundamental. O autor alerta para o fato de que, em ambos os casos, a literatura assume uma posição de auxiliar no ensino de língua, ou seja, o texto literário funciona como pretexto para a aquisição de outro tipo de conhecimento que não o artístico e estético. Desta forma, Cosson (2015) observa que para que a leitura literária possa ocupar seu espaço central na escola, é preciso estender a leitura ilustrada ao longo de todo o ensino fundamental, ou seja, é necessário que a leitura de fruição ocupe o ensino fundamental na íntegra e não esteja mais subordinada às aulas de língua.

O autor pontua que a mediação da leitura literária envolve diversas atividades que devem ser orientadas pelo professor com a finalidade de desenvolver as potencialidades dos alunos. Ele cita alguns princípios que o professor precisa colocar em prática para efetivar estas habilidades, são elas: diversidade, sensibilidade, valorização da experiência e da contemplação, afetividade e fortalecimento da autoestima.

Segundo Ceccantini (2009 citado por COSSON, 2015, p. 167) o papel de mediador deve ser desenvolvido pelo professor que gosta de literatura, que contagie seus alunos com as

obras, que inspire os alunos com seu amplo repertório de leitura. Cosson (2015) ainda cita as autoras (BORDINI; AGUIAR1988, p. 17) em que argumentam que a escola precisa cumprir certos requisitos básicos como uma biblioteca diversificada, bibliotecários, professores leitores, programas de ensino que valorizem a literatura para a promoção da leitura literária. Neste sentido, a leitura literária deve prever ainda objetivos bem definidos que levem o aluno a refletir, a visar novos horizontes, a ressignificar a sua realidade (COSSON, 2015).

Sobre o ensino de literatura, Costa (2013) pontua que um dos problemas é o fato de muitos professores estarem distanciados das teorias literárias, o que dificulta melhores resultados na formação de leitores. Nesta linhagem, Portolomeos e Rodrigues (2020) enfatizam o quanto a Estética da Recepção é importante para a formação continuada do professor de literatura da escola básica. Desta forma, é preciso que os professores sejam incentivados pelas políticas públicas a continuar seus estudos e que se tornem professores pesquisadores ao longo de toda sua vida profissional, o que não implica fazer uma pós-graduação, mas tão somente ter uma rotina de estudos.

Com essa formação, o professor, ao selecionar os textos para sua turma, observará se o texto trabalha a linguagem propriamente literária. Além disso, considerará a realidade dos alunos, nível de letramento literário, qualidade dos textos, excluindo aqueles textos que parecem, mas não são literários. Para Costa (2013) a literatura se constitui num gênero textual específico, sinalizado pela linguagem diferenciada. Para a autora, o trabalho da literatura na escola deve contribuir com a formação integral do aluno e prepará-lo para o convívio com a diversidade. Ou seja, inserir o aluno no universo da literatura significa oferecer-lhe novas formas de conceber o mundo por meio de uma linguagem singular.

Ao realizar leituras literárias, o indivíduo passa a se compreender melhor e a compreender melhor o mundo em sua volta, descobrindo-se em seu espaço para poder interagir com ele. Ao compreender o texto literário e as diversas possibilidades das interpretações que o texto proporciona, surgem os questionamentos dos alunos favorecendo a leitura crítica e criativa do texto e do mundo. Neste sentido, a formação do professor para trabalhar com a literatura pressupõe que ele tenha desenvolvido a sensibilidade para os textos literários, conhecimento sobre as teorias que fundamentam a particularidade dessa linguagem, as funções da literatura etc. Para Costa (2013), o bom professor é aquele que alia conhecimento sobre a literatura com a prática rotineira de leituras.

Segundo a autora, para entendermos os valores específicos do gênero poesia, alguns critérios devem ser observados como a temática, os efeitos de humor, o lirismo, o conhecimento e a afetividade. Para ela, os temas da poesia são muitos amplos e alguns elementos devem ser considerados como a liberdade de expressão e a abertura para o incompreensível e o contraditório principalmente nos níveis mais elevados de ensino. Costa (2013) observa que há várias interpretações possíveis nos textos literários justamente porque a literatura é simbólica e plurissignificativa. Para que um leitor possa compreender essa plurissignificação do texto literário é preciso expandir seu conhecimento. Assim, quanto mais o leitor interage com as manifestações artísticas, mais ele vai compreender a particularidade da linguagem literária. A autora observa ainda que o ser humano busca na literatura respostas para suas inquietações, evidenciando o poder que a linguagem literária tem de se aproximar dos problemas humanos mais sutis que muitas vezes nem conseguimos colocar em palavras fora do discurso literário.

Silva (2017) pontua que a literatura proporciona uma dupla experiência na vida: de libertação e de preenchimento. Sendo assim, o leitor em contato com a leitura literária se alivia dos problemas e preocupações que estão presentes em nossa vida, adquirindo um olhar diferenciado sobre as coisas. Ou seja, a literatura ocupa espaços que a linguagem do cotidiano não consegue ocupar.

3 PONDERAÇÕES SOBRE AS ORIENTAÇÕES DOS DOCUMENTOS OFICIAIS PARA O ENSINO DE LITERATURA

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) estabelece o desenvolvimento “pleno” do discente, estando presentes aí a formação cidadã e humanizadora. Vimos como a linguagem literária potencializa a formação humanizadora, assim como favorece o desenvolvimento das dimensões emocionais e sensíveis do ser humano. Apesar disso, muitos documentos oficiais da história da educação brasileira - como a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) – preconizam o ensino de literatura atrelado à Língua Portuguesa.

As Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM) já trazem o ensino separado de Literatura, considerando suas especificidades nas multiplicidades de leituras (Freitas, 2016). Recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) homologada em 2018, avança um pouco nessa área considerando a compreensão particular da linguagem literária e da leitura literária que deve ser iniciada nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

A BNCC, apesar de ter como compromisso o desenvolvimento do senso estético do aluno, ainda possui muitas contradições que podem confundir o professor na sua prática de sala de aula conforme estudos de Portolomeos e Botega (2020). Um dos ganhos do novo documento é o trabalho com o texto literário desde as primeiras séries do fundamental, todavia, em algumas diretrizes, ela deixa de orientar o trabalho do professor para a leitura de fruição para incentivar um trabalho de cunho interpretativo mais textualista, em que o aluno precisa extrair do texto a resposta certa. Nota-se que essa última diretriz não condiz com as orientações teóricas mais precisas para o ensino de literatura, ou seja, aquelas baseadas nas teorias recepcionais que dão autonomia para que o aluno signifique o texto segundo sua sensibilidade e bagagem cultural.

As Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM), antes da BNCC, reconheceram a importância da literatura no ensino médio. Dessa forma, ‘faz-se necessário e urgente o letramento literário que vise empreender esforços no sentido de dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura, tendo dela a experiência literária’ (BRASIL, 2006, p. 55). Ou seja, o documento confirma a ideia de que a experiência literária só se concretiza com o contato efetivo com o texto. De acordo com Silva (2017) as OCNEM apresentam uma reflexão mais ampla sobre a presença da literatura no currículo do ensino médio reconhecendo-a como agente humanizador e como um bem representativo que o aluno

deve tomar para si. Por isso, ela deve constar nos currículos de todas as séries de ensino e, mais ainda, como leitura de fruição não subordinada ao conteúdo das aulas de língua portuguesa.

4 POSSIBILIDADES PARA UM TRABALHO EM SALA DE AULA A PARTIR DA OBRA POÉTICA ‘A MENINA DOS SONHOS DE RENDA’

Nossa leitura e proposta com o livro **A menina dos sonhos de renda**, da autora Marília Lovatel, não pretende esgotar suas possibilidades de trabalho na sala de aula. Temos sempre o cuidado de observar os ensinamentos das teorias recepcionais que nos ensinam sobre a validade de múltiplas e particulares leituras. São muitas leituras possíveis e muitos trabalhos possíveis de serem feitos a partir delas.

Essa obra tem um grande significado para nós, pois trabalha com valores que devem ser cultivados pelos alunos. Ela se constitui através de um poema narrativo que teve como origem uma notícia de jornal. As ilustrações ampliam a presença da poesia na obra, pois temos a delicadeza das rendas que formam desenhos variados com entrelaçamentos de fitas de diversos tipos.

O poema narrativo é contado por meio de versos em que mãe e filha, Filó e Marisol, envolvidas nas rendas, compartilham suas histórias, suas vidas. Juntas, elas resgatam um antigo projeto de Rosa, avó de Filó, de confeccionar a maior renda com intuito de tornar sua cidade conhecida. Assim, as filhas continuam o sonho da matriarca; passam a admirar o universo das rendas, expandindo a memória e os valores de Rosa para as novas gerações. Na trama da grande renda, valores como amizade, família, amigos, perseverança são fortalecidos, entrelaçados, proporcionando um clima de confiança, coragem e esperança entre todos que se envolviam com a tecelagem.

De acordo com Silva (2017), a poesia, assim como outras expressões artísticas confere no leitor uma experiência única, singular, uma reação excepcional. Assim, se faz necessário explorar esse gênero textual, pois a linguagem poética desperta habilidades específicas - como a sensibilidade para a sonoridade das palavras e para a beleza das imagens construídas no texto - e proporciona novas maneiras de vislumbrar o mundo, mais sensíveis e mais humanas. Assim, o trabalho com a poesia na escola está em consonância com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que preconiza para os alunos do Ensino Fundamental que ele consiga “evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita” (BNCC, 2018, p. 138).

Assim, podemos citar alguns trechos da obra que oportuniza aos estudantes instigar suas percepções e preencher “os espaços vazios” da leitura literária com sua criatividade e imaginação. A partir do trecho abaixo, o professor pode instigar os alunos a olharem para o céu

e vislumbrarem o desenho da sua renda, despertando sua criatividade e curiosidade para a leitura do texto.

Filó olhando pro alto
viu uma nuvem passar.
Se fosse vista de perto, poderia revelar,
sua trama de renda fina,
de algodão a flutuar.
Filó no mundo vazio,
via desmanchar sua trama.
Aquele que ela mais ama
ia perdendo seus fios. (LOVATEL, 2016.p.13).

Uma das funções da escola é mostrar aos alunos que o texto literário sensibiliza e que ele é constituído de forma a produzir um efeito estético que tem a ver com um sentimento de beleza. Desta forma, é possível trabalhar com os alunos as imagens poéticas, ou seja, formas muito particulares de se dizer alguma coisa. Além disso, o professor pode trabalhar os versos rimados, explorando a sonoridade das palavras e o ritmo do texto. O arranjo especial das palavras conduz a trama misturando elementos do imaginário e da realidade. A partir dos versos abaixo, o professor poderá discutir com os alunos o quanto o desejo individual pode tornar as coisas possíveis, como os sonhos podem migrar da imaginação para a realidade:

Sete anos fazia Filó
E há sete que se tecia
A maior de todas as rendas
Não era lenda, existia. (LOVATEL, 2016.p.9).

Observa-se nesses versos como a narrativa poética foi construída com intuito de provocar no leitor a sensação de que a história da maior renda do mundo realmente existiu porque estava ligada aos desejos mais profundos de Filó. Conforme a renda vai sendo entrelaçada, Filó e Marisol tecem junto suas histórias que possibilitam, na sua leitura, a expansão do imaginário do leitor através da compreensão de metáforas como o barco que encolhe no horizonte.

Ela nem percebeu a jangada que partia,
no horizonte encolhia,
sem que dissesse adeus. (LOVATEL, 2016.p.14)

A mescla entre tempos históricos diferentes também pode ser lida de maneira muito singular no poema, através da música cantada por diferentes gerações. Nesse ponto, o professor pode sensibilizar o aluno para a beleza da memória de uma comunidade, de uma memória que pertence a todos.

No céu brilhavam estrelas,
na areia secavam velas.
Em coro, as cantigas eram novas e antigas:
Olé, mulher rendeira.
Olé, mulher renda.
Tu me ensina a fazer renda
que eu te ensino a namorar.... (LOVATEL, 2016,p.54).

A sensibilidade com que a autora constrói a história e sua poesia é um diferencial. Assim, esse tipo de texto contribui para a formação humana do leitor à medida que sensibiliza seus leitores através de uma linguagem particular cujo efeito sobre o leitor é, antes de tudo, emocionar. O livro é tão bonito que uma aula a partir dele propicia momentos de prazer, um prazer diferenciado que se chama de prazer estético.

O livro de Marília Lovatel é indicado para o sexto ano do Ensino Fundamental tendo em vista que não requer um nível de letramento literário alto para sua leitura e apreensão dos seus sentidos. Cabe lembrar que o processo de letramento literário do aluno se faz aos poucos e que este livro certamente contribui para a preparação do aluno para um estágio mais avançado de letramento. É possível trabalhar com os alunos, a partir desse livro, a multissignificação tão discutida a partir das teorias recepcionais. Cada aluno pode oferecer na aula sua contribuição para a compreensão do verso seguinte, por exemplo, sem que haja interferência do professor, avaliando a validade da resposta. Cabe ao professor sempre lembrar que o texto literário deve permitir e incentivar a liberdade de leitura do aluno. Assim, o professor, a partir do verso abaixo, pode pedir que os alunos falem sobre “as coisas entrançadas” de sua vida, tendo como referência ainda o poema como um todo, ou seja, o que estava bem entrançado na história de Filó;

”Tudo que é entrançado, tem maior duração” (LOVATEL, 2016.p.12).

Ainda nesse mesmo sentido, o professor pode trabalhar outras passagens em que lindas metáforas são construídas como a espuma da água do mar na areia que parece renda. O professor pode ainda incentivar que os alunos construam suas próprias metáforas, seus próprios poemas, o que também favorecerá o desenvolvimento de seu senso estético, de sua criatividade e de sua subjetividade.

Nos pés de Filomena
Vem a onda desmaiar.
Se espalha na areia e desmancha
A espuma que é renda do mar. (LOVATEL, 2016, pág. 14).

Nesta estrofe, a seleção e combinação das palavras remete ao movimento do mar. A aliteração provocada pelo fonema n, produz um efeito de “esticar” as palavras como ondas que

se esticam nas areias. Este modo peculiar de construção da linguagem, ou seja, faz com que o leitor sinta como se estivesse perto do mar, promovendo uma experiência estética através de palavras. É importante recuperar a ideia de que professor, ao mediar obras como essas ou outras, goste de ler e, com isso, contagie os alunos com o seu interesse pela leitura literária.

Como vimos, a linguagem poética nos humaniza. Em especial neste livro, podemos trabalhar com os alunos valores e sentimentos importantes com os quais eles se depararão ao longo de suas vidas. Note-se como a morte, a frustração, a amizade e o amor são abordados no poema:

Foi no dois de fevereiro,
Sebastião não esquecia,
que chegava Filomena, enquanto Rosa partia [...]
O sol trocou com a lua e nada de o pai retornar [...]
Sentados no telhado,
no horizonte ardia o sol.
Aos poucos abraçados, Filó nunca mais só [...]
(LOVATEL, 2016.páginas 10,15,30).

Outro ponto de destaque na obra é uma abordagem poética da história da renda no Brasil, o que contribui para expandir o conhecimento de mundo do aluno, sua cultura geral. A autora conta um pouco da história do país com encantamento, utilizando rimas e até resgatando expressões do período colonial. Isso faz com que o leitor aprenda de forma lúdica, prazerosa.

Cruzando oceano
Vieram finíssimos panos.
Uma nova riqueza
Chegou em naus portuguesas.
As rendas tiveram nascença
Na França, Espanha e Florença,
Onde primeiro se viu
A arte que veio ao Brasil. (LOVATEL, 2016.pág. 40).

Observa-se que a obra conta sobre uma antiga tradição do Nordeste brasileiro repassada de mães para filhas, desde o Descobrimento do Brasil: a tradição das rendeiras. O professor poderá mostrar aos alunos como a arte literária e cultura caminham juntas e, assim, trabalhar aspectos da cultura nordestina tão discriminadas em algumas situações preconceituosas. Neste trecho, observa-se a relação da tradição das rendas com o Nordeste do Brasil:

Folha de bananeira
Para uma renda faceira.
Do mandacaru, espinhos
Daqueles bem fininhos.
Desse passado não fuja

Espinho não enferruja. (LOVATEL, 2016.pág. 42).

É possível ainda, a partir do texto literário, trabalhar interdisciplinarmente com os professores de história e geografia de maneira a explorar de modo mais sistemático e valorizar a região Nordeste no Brasil e o seu povo.

Assim, vimos que o professor como mediador é essencial no processo de letramento literário do aluno, no processo de tornar esse aluno um leitor literário. Ser leitor de literatura, segundo os autores aqui estudados, significa ter um potencial para se sensibilizar com o diferente, acolher realidades distintas, tornar-se um cidadão atuante no sentido de uma sociedade mais igualitária, menos preconceituosa e mais justa. Cabe sempre ao professor instigar a significação particular de cada aluno, fortalecendo assim a subjetividade dos discentes e sua autoestima. O livro aqui trabalhado pode estimular a criatividade e provocar uma reflexão sobre valores importantes nas nossas relações sociais, mas para que isso se efetive uma boa mediação do professor é fundamental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho efetuou uma análise sobre a importância da literatura na formação do aluno. Para isso, se baseou sobretudo nas ideias de Antonio Candido. A partir daí, verificou a dificuldade de se trabalhar a literatura nas escolas hoje e discutiu algumas das causas dessa dificuldade como a necessidade de uma formação continuada dos professores e os problemas encontrados nos documentos que orientam a educação na escola básica. No intuito de estimular o necessário trabalho com os textos literários em sala de aula, este trabalho selecionou uma obra de poesia, **A menina dos sonhos de renda**, da autora Marília Lovatel, e ofereceu algumas sugestões para o professor trabalhá-la em sua sala de aula.

Vimos que a prática docente com a literatura precisa considerar uma formação permanente do professor através da formação continuada que precisa ser oferecida pelas políticas públicas tendo em vista a sobrecarga de trabalho que acomete o professor da escola básica, precisando acumular cargos para conseguir uma renda suficiente para suas despesas básicas. O professor que não consegue se dedicar à sua formação constante terá grandes dificuldades para formar leitores competentes em literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Segunda versão revista. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em 20 nov. 2020.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20C3%A0%20Literatura.pdf Acesso em 15 mai. 2021.
- CECCANTINI, João Luís. **Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura**. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; ROSING, Tânia M. K (Orgs.). *Mediação da leitura – Discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.
- COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Curitiba:Ibplex, 2013. ISBN 9788582125762. Editora: InterSaberes; 1ª edição (1 janeiro 2013). Disponível em <http://www.biblioteca.ufla.br/pergamum/biblioteca/index.php>. Acesso em 18 out. 2020.
- DE FREITAS, Eduardo da Silva. **Concepções de literatura nos documentos oficiais e formação do sujeito no ensino de literatura**. In: PORTOLOMEOS, Andréa (org.). *Literatura e Subjetividade: aspectos da formação do sujeito nas práticas do Ensino Médio*. São Paulo: Blucher, 2016.
- FILHO, Domício Proença. **A Linguagem Literária**. São Paulo: Ática, 2007. Série Princípios. Disponível em <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2018/12/PROEN%C3%87A-FILHO-Dom%C3%ADcio-A-linguagem-liter%C3%A1ria.pdf>. Acesso em 05 out. 2020.
- LDB – **Leis de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm Acesso em 05 out. 2020.
- LOVATEL, Marília. **A menina dos sonhos de renda**. Edição: 1ª Edição 2016.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, p.1-23, 2000. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf> Acesso em 21 out. 2020.
- MOTA, Rildo José Cosson. **A Prática da Leitura Literária na Escola: Mediação ou Ensino?** Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 161-173, set. /dez. 2015. Disponível em <file:///C:/Users/Ethel/Downloads/3735-13639-2-PB.pdf> Acesso em 04 out. 2020.
- Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias /** Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEMTEC, 2006. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13558> Acesso em 04 out.2020.
- SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola - Reflexões, comentários e dicas de atividades**. Editora: Autêntica; 2ª edição (31 janeiro 2007). Disponível em

https://issuu.com/grupoautentica/docs/a_poesia_vai___escola_-_reflex__es Acesso em 10 out. 2020.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Literatura para todos. Literatura e sociedade**, n. 9, 2006.

PORTOLOMEOS, Andrea; BOTEGA, Simone Aparecida. **A poesia no ensino fundamental: uma discussão sobre as orientações da BNCC**. Claraboia, Jacarezinho/PR, n.16 (Educação literária), p. 291-315, jul. /Dez, 2021. ISSN: 2357-9234. Disponível em: <http://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/1914> Acesso em 6 de set. 2020.

PORTOLOMEOS, Andrea; RODRIGUES, Sophia Assis. **A leitura literária na sala de aula: a teoria na prática ajuda?** HuTe Inovação, [S.l.], v. 7, n. 1, 2020. Disponível em <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/42404>. Acesso em 05 out. 2020.

SILVA, Marcelo Medeiros da. **Literatura, Poesia e Ensino: Considerações a partir da Formação de Professores**. Revista Práticas de Linguagem, v. 7, n. 2 – 2017 Disponível em <https://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2018/02/112-129-LITERATURA-POESIA-E-ENSINO.pdf>. Acesso em 18 out. 2020.

RODRIGUES, Sophia Assis. **A Linguagem Literária na formação do sujeito crítico**. 2017. Disponível em [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/TCC%20Vers%C3%A3o%20Final%20Sophia%20Assis%20Rodrigues%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/TCC%20Vers%C3%A3o%20Final%20Sophia%20Assis%20Rodrigues%20(2).pdf) Acesso em 03 nov. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. **Biblioteca Universitária. Manual de normalização e estrutura de trabalhos acadêmicos: TCCs, monografias, dissertações e teses**. 3. ed. rev., atual. e ampl. Lavras, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/11017>. Acesso em 04 nov. 2020.

ZILBERMAN, Regina. 1948- **Teoria da literatura I** / Regina Zilberman. - 2.ed. - Curitiba, 2012 PR: IESDE Brasil, 2012. Disponível em [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Teoria_da_literatura_I_Regina_Zilberman%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Teoria_da_literatura_I_Regina_Zilberman%20(2).pdf). Acesso em 03 nov. 2020.